

A Fazenda Boa-Esperança (Goiás)

SPERIDIÃO FAISSOL
Da Divisão de Geografia
do C.N.G.

I — INTRODUÇÃO

Tendo já feito uma série de viagens a Goiás, estudando principalmente problemas humanos e econômicos, era indispensável a uma complementação destes estudos uma visita à fazenda Boa-Esperança, na região de Formosa (vale do Paraim).

A fazenda Boa-Esperança é uma grande propriedade, com cerca de 25 000 alqueires (maior que o Distrito Federal), de propriedade de uma companhia, a "Agro Colonizadora Industrial Ltda." de que é presidente o deputado HUGO BORGHI. Administra a fazenda, como gerente, o Eng.^o Agrônomo ARTUR TIBAU.

Pelos métodos agrícolas que ali estão sendo usados, pelo vulto do empreendimento e pelo que ela poderá representar como experiência e como realização no campo do aproveitamento de áreas semelhantes no Planalto Central Brasileiro, o seu estudo se torna bastante interessante.

Os resultados desta grande tentativa de exploração de solos — mais ou menos pobres, poderão afetar fundamente a mentalidade no Brasil, da só utilização de terras de mata para a agricultura. Isto poderá ser uma tendência talvez no sentido de se caminhar para uma agricultura permanente, fundada em princípios diferentes, segundo os quais a topografia é mais importante que a qualidade da terra.

O objetivo principal da fazenda é produzir intensivamente e em grande escala produtos de alto valor comercial e exportá-los para os centros consumidores, especialmente Rio de Janeiro.

II — POSIÇÃO

A região de Formosa é o planalto divisor de águas entre a bacia do Paranaíba, Tocantins, São Francisco e caracteriza-se pela desigualdade das formas do relevo na área do divisor e nas duas vertentes, a mais ou menos 800 metros.

Os afluentes do Paranaíba e São Francisco sulcaram bastante a superfície do Planalto, porém ao encontrar o embasamento cristalino a sua ação erosiva tornou-se mais lenta. A superfície da chapada, na parte atingida pelo rejuvenescimento do relevo decompôs-se em nível intermediário suavemente ondulado e a chapada propriamente dita, de forma tabular, com testemunhos no nível intermediário. Os afluentes do Tocantins, Paranã e afluentes, beneficiados por um nível de base mais baixo próximo, escavaram fortemente a superfície do Planalto e encontrando rochas pouco resistentes (calcário Bambuí), formaram vales profundos com fundo chato e com vertentes abruptas. Às vezes diques de eruptivas básicas ou camadas de calcário endurecido ou mesmo de quartzito no topo, preservam testemunhos da chapada no interior dos vales aí denominados "vãos" tal é o aspecto que eles apresentam.

A fazenda Boa-Esperança está situada no vale do Paraim, afluente do Paranã, 65 quilômetros ao norte da cidade de Formosa e ligada a esta por uma estrada de rodagem. Com isto ela também se liga à rede ferroviária de São Paulo, através de uma estrada de rodagem que de Formosa vai a Anápolis via Planaltina e Corumbá de Goiás, com cerca de 300 quilômetros. Está sendo construída pela Cia. Agro Colonizadora uma estrada de rodagem ligando a fazenda a Pirapora na rede ferroviária da Central do Brasil e vale do São Francisco. O objetivo desta nova estrada, complementada mais tarde pelo próprio prolon-

gamento da ferrovia até Formosa é dirigir no sentido do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a produção da região, que não pode competir com o "Mato Grosso de Goiás" de produção maior e mais próximo. A Colônia Agrícola está a 140 quilômetros de Anápolis, que por sua



Fig. 1 — Um trecho da área agrícola da fazenda Boa Esperança, vendo-se ao fundo a escarpa de terra.

vez, está a 1 200 quilômetros de São Paulo e a 1 600 quilômetros do Rio de Janeiro. Formosa, uma vez feita a ligação para Pirapora com 320 quilômetros, estaria a 1 321 quilômetros do Rio, em situação bem mais favorável portanto, além de dispor do vale do São Francisco para um futuro desenvolvimento.

III — SÍTIO

A sede da fazenda Boa-Esperança está no terraço do córrego Corcunda, afluente do Paraim, a 550 metros de altitude. As suas áreas agrícolas estão nas várzeas do Paraim, Salobro, Tabual, Corcunda e em terraços do Paraim, todos em terrenos mais ou menos planos.

O rio Paraim, ao descer do Planalto o faz, bem como os seus afluentes, através de cachoeiras, rápidos e às vezes em vales subterrâneos. Aí o vale é estreito, a topografia acidentada e imprópria para a agricultura mecanizada: é o domínio das roças.

Ao atingir o seu afluente Bisnau o vale começa a alargar-se e daí por diante o que aparece é um vale amplo, largo especialmente na vertente esquerda; um corte transversal na sede da fazenda, entre o córrego Tabual e Corcunda daria o seguinte, de oeste para leste:

A escarpa da serra do Corcunda constituída de calcário, um pequeno trecho com solo aparentemente aluvial de forma meio côncava, com vegetação florestal ou cerradão utilizado na agricultura. Êste aspecto continua até atingir-se um pequeno tôpo com campo cerrado e solo recoberto por uma camada de cascalho concrecionário limonítico às vezes sob a forma de blocos de canga; em um destes topos está o campo de aviação atual; dêste desce-se suavemente para um terraço do rio Paraim, de solos vermelhos e

aproveitados também para a agricultura. Em seguida um outro terraço com cerrado e finalmente a várzea do Paraim com mato seco e solos bem mais férteis. Esta várzea é a maior e a que está sendo mais intensamente trabalhada, nela se fazendo ainda uma experiência de triticultura.

Na várzea do córrego Corcunda está localizada a horta da fazenda, com cerca de 7 hectares plantados.

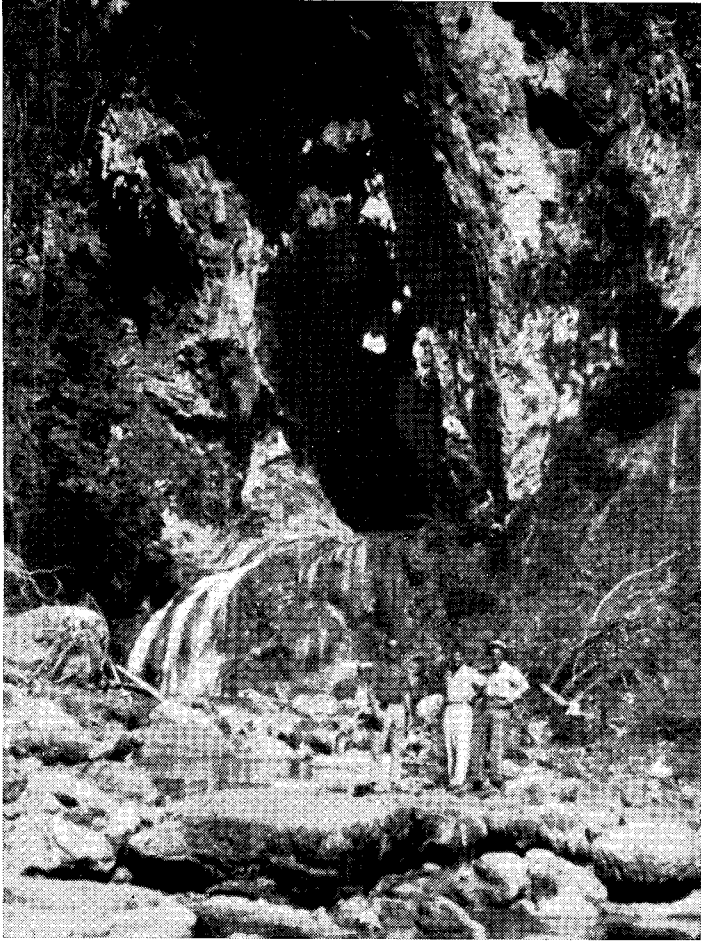


Fig. 2 — A saída de um vale subterrâneo, formando bela cachoeira.

Essa sucessão de terraços até a várzea, se dão uma feição morfológica distinta no conjunto da paisagem, caracteriza-se mais pela qualidade dos solos. Aí a vegetação, se bem que ainda seja um índice geral da fertilidade do solo, não significa mais, no detalhe, o mesmo que no conjunto do Planalto. Os solos do campo cerrado aí são de tipo especial e podem ser, como estão sendo, utilizados para a agricultura. Na escarpa da serra do Corcunda, aparece campo cerrado com solos pedregosos e de difícil aproveitamento.

Considerando-se a planície do Paraim como um todo, é necessário acrescentar que nela o clima é ligeiramente diferente do clima do Planalto, especialmente no que diz respeito às temperaturas, aí sempre superiores de 2 a 3 graus às do Planalto. Além do mais as várzeas dos rios são sempre paludosas sendo especialmente conhecidas as da bacia do Paraná do qual o Paraim é um afluente.



Fig. 3 — Um bloco de canga e cascalho limonítico no terraço do campo de aviação.

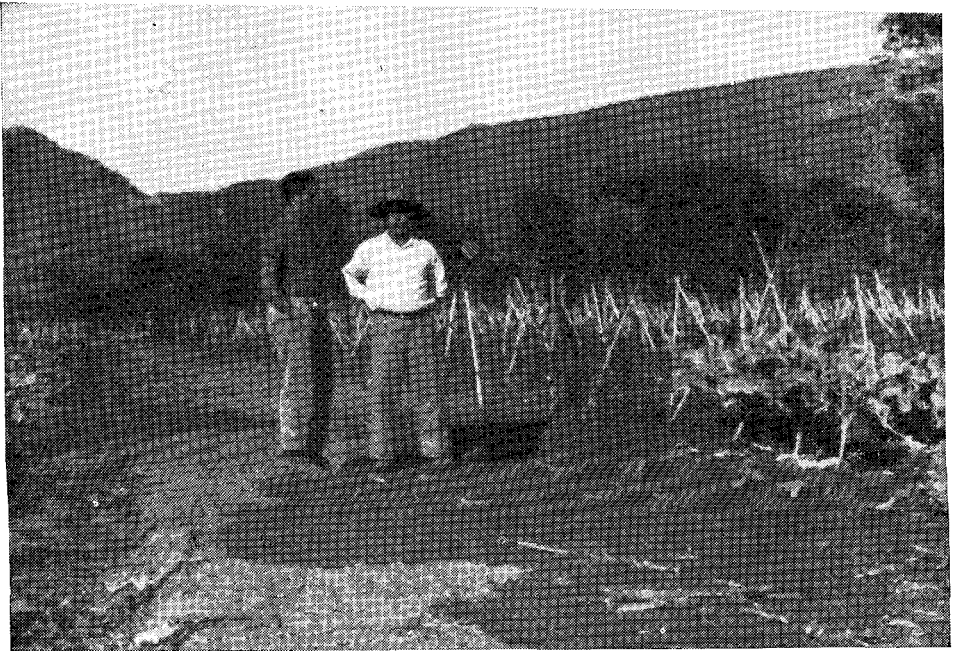


Fig. 4 — A horta da fazenda vendo-se o hortelão japonês encarregado da mesma.

IV — BASES DO EMPREENDIMENTO

a) Mecanização intensiva com grande volume de produção de artigos cujo preço suporte o transporte caro para o Rio de Janeiro.

A principal base do empreendimento é a produção em larga escala de produtos que pelo seu valor compense um transporte oneroso até o Rio de Janeiro. O mercado do Rio de Janeiro foi preferido por duas razões iniciais: por sofrer menor concorrência que o de São Paulo e por ser mais acessível a partir de Pirapora, ponta de trilhos da Central do Brasil.



Fig. 5 — A várzea cultivada e irrigada.

Para se conseguir esta produção de larga escala foi que se adotou uma mecanização intensiva (o valor das máquinas e caminhões na fazenda sobe a cerca de 16 000 000,00 de cruzeiros) e daí a preferência pelas terras planas de campos cerrados ao invés das mais férteis, porém acidentadas terras de matas. Processos técnicos adequados tornarão estas terras produtivas permanentemente.

A mecanização começa na aração (tratores, grades, etc.) e irá até a colheita o que dará um grande rendimento de trabalho.

O produto principal na agricultura será o arroz, talvez o fumo, a oliveira e também o café. Paralelamente se fará a criação de gado de corte e leite, com montagem da indústria de carne e conservas.

O arroz e a carne são as duas bases principais do negócio. O arroz exportado será só do tipo extra, beneficiado. Os outros tipos serão industrializados ou consumidos na região.

b) Construção de uma rodovia para Pirapora e convênio com a Central do Brasil com o objetivo de tornar mais acessível o mercado do Rio de Janeiro, ao invés do de São Paulo.

Uma vez decidido que um dos objetivos do empreendimento é a utilização do mercado do Rio de Janeiro, cogitou-se logo de procurar a solução do problema transporte, e esta surgiu com um convênio ainda em estudos, com a Estrada de Ferro Central do Brasil que passaria a transportar seus produtos de Pirapora ao Rio de Janeiro por Cr\$ 8,00 o sacco de 60 quilos.

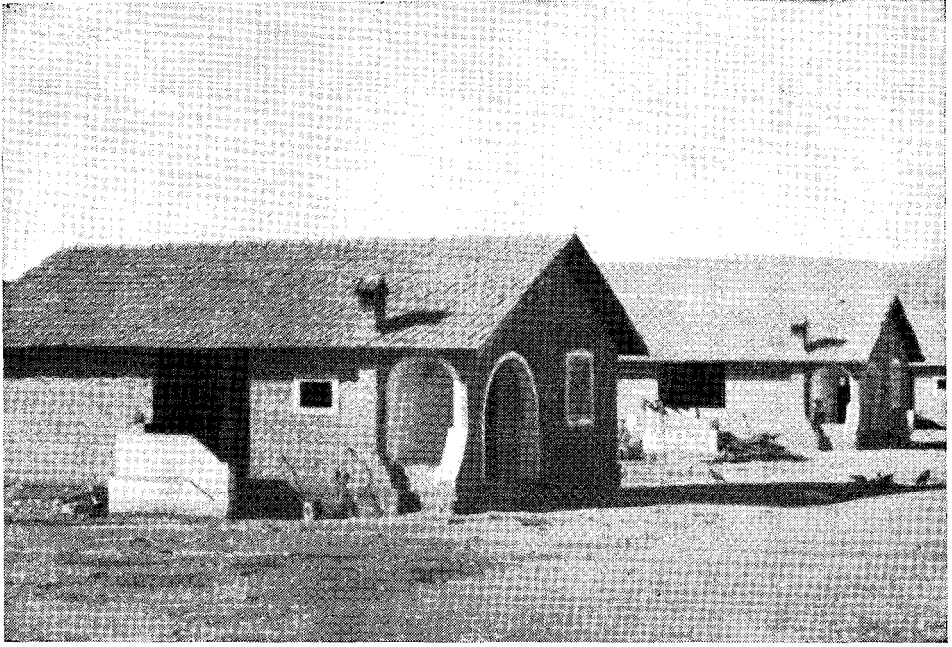


Fig. 6 — Casa do administrador da fazenda.

Há naturalmente necessidade de ligar a fazenda a Pirapora; está sendo construída uma estrada de rodagem entre êstes dois pontos, capaz de suportar tráfego de veículos pesados, de 20 toneladas. Êste transporte, demorado e relativamente oneroso, só seria usado para produtos não perecíveis e de alto valor unitário.

Para os produtos perecíveis será usado o transporte aéreo (carne, aves e ovos, frutas caras, etc.), para o que a Cia. disporá dos aviões do Lóide Aéreo Nacional, que pertence ao mesmo presidente da Agro Colonizadora, isto é, o deputado HUGO BORCHI.

c) Industrialização progressiva de todos os produtos subsidiários e subprodutos, para exportação e abastecimento da região.

Nem todos os artigos produzidos em uma fazenda podem suportar um frete oneroso para exportação em bruto ou apenas beneficiado. No caso do arroz, por exemplo, apenas o de tipo extra será exportado; os outros tipos deverão ser industrializados (farinha de arroz) e exportados para fora ou consumidos na região.

No caso da carne só a carne tipo extra e o *filet-mignon* serão exportados por avião para o Rio, sendo o resto industrializado, inclusive a farinha de ossos e sangue, que será utilizada como adubo.

À medida que a fazenda se fôr desenvolvendo, outros produtos serão cultivados e industrializados, de maneira a reduzir ao mínimo o frete do produto exportado.

V — A AGRICULTURA E A PECUÁRIA

A agricultura — Como vimos o principal produto agrícola da fazenda será o arroz, tanto pelo valor da produção como pela área cultivada. Isto não impedirá que sejam cultivados também outros produtos como o milho, feijão, café, etc. e se façam algumas experiências com outros, como veremos.

Os terrenos destinados à agricultura foram, de início, destocados e arados para depois receber as sementes.

Nos primeiros anos se supõe que não será necessária nenhuma adubação; quando esta se tornar necessária usar-se-á o recurso da adubação verde por excelência, complementada pela adubação química (farinha de osso, nitratos etc.).

A adubação com estêrco de curral será somente utilizada na horta da fazenda mesmo porque êle não será suficiente para uma área maior.

Ainda não se estabeleceu nenhum tipo de rotação de culturas devidos ao pouco tempo em que se cultiva a região, mas é idéia do administrador da fazenda organizar uma rotação que atenda ao mesmo tempo aos interesses comerciais da Companhia e às necessidades de conservação do solo.



Fig. 7 — Os escritórios da Companhia.

Como ainda estão sendo feitas tentativas no sentido de se descobrir as áreas mais propícias para a cultura do arroz, vários têm sido os rendimentos por alqueire; o maior foi o de várzea e do solo aluvial, sendo satisfatório o do 1.º terraço do Paraim. A média geral tem sido da ordem de 150 sacos por alqueire, mas êles vão de 80 a 250, êste na várzea florestal.

Em um trecho da várzea está sendo tentada a cultura do trigo (Quênia 155), em uma área de 29 hectares irrigados.

Pretende-se fazer também uma experiência com a oliveira, tendo sido realizados entendimentos com um agrônomo português para a efetivação desta experiência.

Nas áreas onde não se puder fazer agricultura mecanizada, entre as que puderem serão aproveitadas para café que se pretende seja sombreado.

De modo geral a agricultura terá tôda ela como objetivo produtos de alto valor comercial, ao mesmo tempo que se industrializará os subprodutos.

A pecuária — Inicialmente se cogitou de instalar imediatamente um frigorífico na fazenda e as máquinas chegaram a ser embarcadas e em parte transportadas, mas à vista do pequeno rebanho existente na área resolveu-se adiar a instalação do mesmo.

Atualmente existem mais de 1 000 cabeças de gado na fazenda em um retiro na margem direita do Paraim. Êste gado está sendo cruzado com zebus; o plano é atingir uma produção elevada de gado mestiço de corte e leite para sustentar a indústria de carnes e de laticínios, para mais ou menos 1 000 litros diários. Serão feitas experiências com gado Gir especialmente.

Êste setor ainda está atrasado no conjunto da fazenda.

CONCLUSÕES

1 — O princípio fundamental da fazenda é o do predomínio do fator topografia sobre a qualidade da terra, uma grande empresa agrícola.

2 — Assim se poderá fazer uma agricultura intensamente mecanizada, atingindo-se um volume tal de produção que compense grande dispêndio de capital.

3 — Paralelamente se procurará fazer a industrialização progressiva dos produtos de pequeno valor comercial, tornando-os exportáveis. Ela representa um grande empreendimento no domínio da técnica agrícola e comercial.

Entretanto tudo poderá ser perdido se a fazenda não ficar rigorosamente restrita às suas finalidades ou se os seus recursos forem desviados para outros objetivos.